

Reflexões esparsas para uma "práxis" conseqüente

Fernando Antônio Gonçalves (*)

A — Uma incontida vontade de mudar tomou conta do País nos meses que antecederam à eleição do Presidente Tancredo Neves. Milhões de brasileiros, ansiosos por uma ampla e irrestrita oxigenação nacional, solidarizavam-se com o ex-governador mineiro, quando ele manifestava nas praças públicas o propósito de edificar um Estado moderno, institucionalmente capaz de enfrentar os desafios de um novo século, que velozmente se avizinhava.

Seu discurso de posse, ainda que por ele jamais pronunciado, contém os alicerces principais de uma ação governamental orientada para os menos favorecidos, os que sempre se colocam à frente da História. Seu pensar, d'ora por diante, será bandeira de todos aqueles que desejam reestruturas, efetivadas sob o brasão democrático do mais sadio pluralismo político-partidário:

"Não me cansarei, enquanto houver injustiça, de clamar em nome dos perseguidos, dos humilhados, dos que têm mãos ociosas e va-



zias... Se aos insensatos não comove a exigência de justiça, é possível que os atinjam as razões do temor... Até hoje o Estado tem servido para garantir e estimular os poderosos, e é tempo de ver a sua força se colocar realmente a serviços dos despossuídos... Nós, brasileiros, temos uma

dívida enorme com o Nordeste. Mas, se é verdade que devemos muito aos milhões de brasileiros que ali vivem, maior é a dívida de suas próprias classes dirigentes, que, salvo as exceções conhecidas, não tiveram para com o seu povo a solidariedade que, em seu nome, reclamam do resto do País... A hipertrofia centralizadora da União, junto do sonho ditatorial e totalitário do passado recente, não é apenas abuso contra a liberdade e o direito. É, sobretudo, uma tolice do ponto de vista prático".

O ideário de Tancredo Neves, quis a História, foi encampado pelo Presidente José Sarney, em pronunciamento dirigido, via televisão, para todo o Brasil. Através dele revigoraram-se os anseios de muitos milhões, que

ainda aguardam pelo cumprimento integral da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada a 10 de dezembro de 1948, pela Assembléia Geral das Nações Unidas, estando o Brasil entre os signatários. Direitos Humanos que estão a requerer, do Setor Público, uma Reforma Administrativa baseada na revolução do sistema do mérito e na democratização de oportunidades, tendo como meta a reorganização da máquina estatal, bem como o redimensionamento de suas relações para com a sociedade e o sistema produtivo.

B — Vivemos um dos momentos mais dramáticos da história da humanidade. O mundo se contorce, às vésperas de um parto que certamente o conduzirá para uma nova correlação de forças entre o Capital e o Trabalho, a favorecer uma irreversível tomada de consciência das regiões menos favorecidas. Já não mais se pode admitir, de sã consciência, a distância desmesurada entre os poucos que têm tudo e os muitos milhões que nada possuem e que clamam por uma libertação das ostensivas ou disfarçadas formas de opressão impostas pelas sociedades industriais avançadas. Urge evoluir de um viver sob uma liberdade abstrata para um conviver sob o manto de uma liberdade real, abjurando-se os indiferentismos perniciosos que não admitem que viver é tomar partido.

Capacitar-se para tornar-se independente e livre, eis uma filosofia de vital magnitude para quem entende que "a água só é pura quando corre

(*) Fernando Antônio Gonçalves é economista, professor universitário, especializado em Recursos Humanos pelo OEA, possuindo mestrado em Planejamento Educacional pela PUC-RJ. É diretor-geral do Cendrec — Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos e Organizacionais da Fundação Joaquim Nabuco, presidente do Instituto dos Economistas de Pernambuco e vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos, Seção de Pernambuco.

entre as duas margens de um regato". E se a construção de um homem novo, num novo humanismo, está lastreada numa dose maior de responsabilidade desse homem para com seus semelhantes e a História, inadiável se torna a difusão, mediante sólida consistência operacional, das categorias que possibilitem a compreensão científica do desenvolvimento dos povos, inclusive dos mais prósperos. Assim, para todos nós, brasileiros, indispensável se faz a construção de um permanente e vigoroso esforço triplo — crítico, autocrítico e de criatividade —, por onde perpassam os mecanismos de superação dos diversos níveis de conservadorismo que continuamente latejam em nossos interiores, respeitadas as aspirações e lutas das gerações precedentes. A propósito, o pensamento de Antônio Gramsci é por demais oportuno ressaltar:

"Uma geração que amesquinha a geração que a precedeu, que não consegue reconhecer as grandezas dela nem o seu significado necessário, é uma geração que mostra ser mesquinha, que não tem confiança em si mesma, ainda que assuma pose de gladiador e exiba mania de grandeza".

C — Muito recentemente, a Unesco divulgou dois dados que estão a merecer uma profunda tomada de posição por parte das autoridades responsáveis pelos destinos instrucionais do momento presente, em especial as do Nordeste brasileiro, região que comporta um dos maiores bolsões de miséria da face terrestre. Segundo aquele organismo internacional, 90% dos cientistas de toda a história da humanidade estão vivos atualmente, o que bem demonstra o velocíssimo desenvolvimento técnico-científico dos últimos trinta anos. Um outro informe revela que 95% de tudo quanto uma criança nascida hoje venha a saber quando tiver 50 anos, ainda não faz parte da gama dos nossos atuais conhecimentos. Tais indicadores estatísticos atestam cristalina e o surgimento de uma nova etapa civilizatória da humanidade, onde seus seguimentos componentes estão emergindo com novos perfis e uma outra dinâmica, adaptando-se às exigências de uma comunidade desejosa de ultrapassar os obscurantismos os mais diversos, rejeitando as palavras vazias



Para todos nós, brasileiros, indispensável se faz a construção de um permanente e vigoroso esforço triplo — crítico, autocrítico, criativo — por onde perpassam os mecanismos de superação dos diversos níveis de conservadorismo que continuamente latejam em nossos interiores, respeitadas as aspirações das gerações precedentes.

e os discursos inócuos e acelerando, nas áreas mais subdesenvolvidas, o fim de uma cultura do faz-de-conta, sedimentada em períodos autoritários, nos quais a formulação de qualquer análise crítica era tida e havida como uma provocação ao status quo, que não pressentia as inevitáveis mutações que decorriam das obsolescências sociais. Os de agora tomam conhecimento quase imediato dos seus sofrimentos, das origens deles e dos modos de superá-los, declarando guerra implacável aos indiferentes, buscando estabelecer novas correlações de forças políticas, de preferência não-totalitárias, que permanentemente se reinventem e se comprometam com os amanhã, que deverão ser revestidos de uma mais abrangente

solidariedade, tendo como meta última um homem crítico, dialético e inovador, mais ajustado e mais sensível.

Gradativamente, o mundo dos nossos dias vai se apercebendo que o pior subdesenvolvimento é aquele que toma como alvo o plano mental, produzindo uma alienação que leva, progressivamente, a acentuados patamares de sectarização, causados pela ausência de uma oxigenação contínua, que antecipe as idéias sobre novos porvires. Além disso, entenderam os menos afortunados que o caminho se faz andando e que o difícil é apenas uma questão de começo. Começam a compreender que é preciso ser suficientemente maduro para conviver com tudo aquilo quanto não pode ser mudado; ser intrépido o suficiente para lutar, sem temor, pelo que deve e tem que ser mudado; e lúcido o bastante para distinguir entre uma situação e outra.

D — Se reuníssemos todos os profissionais de Recursos Humanos para uma tomada de posição, tendo por escopo balizador as considerações precedentes, certamente alguns pontos emergiriam sob geral concordância. Entre os mais significativos, mereceriam destaque especial:

— As novas realidades devem servir de subsídios para uma postura reflexiva. Estamos saindo de uma etapa histórica autoritária, na qual uma ideologia

tecnocrática em tempo algum questionou os arcabouços estruturais vigentes, sobre os quais se assentava, o conflito político aparecendo sempre como algo esdrúxulo e indesejável. Na não-democracia brasileira recente, pontificou o decisor isento de paixões, colocado acima do Bem e do Mal, a reconhecer que o saber técnico-científico é a única fonte capaz de fornecer os critérios e os métodos de decisão. O atual momento de transição está a exigir dos profissionais de Recursos Humanos uma postura diferente, uma maior capacidade de argumentação, o fim de uma postura servilista, uma sólida ação cultural para a superação de inúmeros obstáculos que ainda impedem o pleno crescimento do fator Trabalho.

— A transição democrática de agora não significa uma mera volta ao passado, nem aos métodos utilizados há mais de vinte anos, quando toda organização pública mostrava-se desatenta aos avanços sociais mais significativos. Os que postulam um novo posicionamento dos Recursos Humanos devem estar atentos para que os mitos culturais dos dominantes não permeiem os programas de desenvolvimento de pessoal, sob pena de transformá-los em eficazes inculcadores de valores de uma etapa já superada. Competirá ao especialista em Recursos Humanos transmitir a necessidade da criação de uma nova cultura, não desprezando o que há de válido das anteriores. Sem dúvida, uma tarefa eminentemente evolucionista, que rejeita gente submissa, incapaz de participar, sem conteúdo nem aptidão para o aprender.

— A prática de pensar é a melhor maneira de aprender a pensar certo, uma lição de Paulo Freire que deve estar subjacente em todas as proposições de RH. A partir dela pode-se inferir que a evolução é permanente, a meta final sendo a libertação do próprio homem.



Na atual estratégia, a Reforma Administrativa imbrica-se com a Constituinte, que deverá redefinir a Cidadania, a Sociedade e o Estado, bem como a relação entre eles, e o 1.º Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico, que por sua vez apontará tanto o sentido como os objetivos da emergente organização social e produtiva brasileira.

— Todo incompetente é incompetente para o diálogo, reage ao contágio cultural, respira uma cultura mimética, discrimina, é imune à dúvida, possuindo fobia pelas atitudes discrepantes. Resguarda-se por insegurança e possui um falso rigor científico, desconhecendo comizinhos princípios de convivialidade. Ao profissional de Recursos Humanos compete adquirir uma sólida formação acadêmica, capaz de falar a linguagem dos novos tempos, dialogando sem atitudes preconceituosas, com ampla e criativa flexibilidade adaptacional.

E — A REFORMA ADMINISTRATIVA, na atual estratégia governamental, imbrica-se com duas outras iniciativas: a CONSTITUINTE, que deverá redefinir os novos papéis da Cidadania, da Sociedade e do Estado, bem como a relação entre eles, seus direitos, poderes e limites, e o I PND — PLANO NACIONAL DE

DESENVOLVIMENTO, que apontará o sentido e as metas da nossa emergente organização social e produtiva.

Infelizmente, nos últimos vinte anos, a autenticidade do pensar, do conhecer e do afirmar infundiram temor em muitos, a crítica transformando-se em ação sectária para mediocres e despreparados. Certa feita o Ministro Eduardo Portella disse que “criticar é infundir vida”. E arrematou com muita propriedade: “Quanto maiores os obstáculos e as ameaças atirados no caminho democrático, tanto mais intenso e incansável deve ser o nosso trabalho. A transição guarda consigo contradições desanimadoras. Mas é fundamental não desanimar”.

O Ministro Aluizio Alves não é dos que facilmente desanimam diante dos desafios. Deseja ele, democrática e pacificamente, ver eliminada uma visão conservadora que pretende apenas manter as atuais estruturas com mudanças setoriais ou de fachada. Como possuidor de aguda sensibilidade para com o social, ratificaria ele o pensar de um outro nordestino, também como ele um ex-governador, Miguel Arraes de Alencar: “Há que prevalecer o espírito de mudança como objetivo e o de negociação como forma, mas de tal modo que nisso estejam envolvidas todas as camadas da população. As estruturas do poder público devem ser afinadas com uma democracia que não fique nas palavras”.

A crise por que passa o País tem um dado salutar: aguçá a criatividade de todos e estimula o debate amplo sobre as alternativas para a solução dos problemas mais urgentes. Nossa realidade é geradora de angústia, e essa angústia é inevitável. Mas será através dela que encontraremos os nossos caminhos futuros, com a perda gradativa dos laços de conformismo e da dependência, com a viabilização de modelos próprios e com a erradicação das lacunas existentes, através da vivência e do diálogo francos, requisitos essenciais para uma análise aprofundada da situação, sem a qual só se chegará a um elenco de proposições vagas e inconclusas, que obstaculizará decisões oportunas, favorecendo a diluição dos objetivos principais de qualquer reforma administrativa.